

MEDIDAS DE SEGURANÇA SANITÁRIAS

Caros espectadores, devido às medidas de segurança sanitárias, o acesso a todas as salas do Festival far-se-á mediante o cumprimento das seguintes regras, para cujo cumprimento apelamos.

1. Nos espaços com área de acolhimento reduzida, a entrada só poderá fazer-se na altura de abertura das portas das salas. Deverão pois esperar no exterior a abertura de portas.
2. Nos restantes espaços, e de forma a não ultrapassar a lotação permitida no bar ou no foyer, apelamos a que a permanência se limite ao estritamente necessário.
3. Agradecemos que sejam seguidas as normas de circulação sinalizadas, ou as que poderão ser indicadas pelos colaboradores que atendem ao bom funcionamento das salas.
4. Apelamos para que seja mantida a distância de segurança entre pessoas, e que todos desinfectem as mãos à entrada, e sempre que tal se justifique.
5. Deve ser respeitada a separação de cadeiras existente nas plateias.
6. O uso de máscara é obrigatório durante a permanência em espaços interiores.
7. A saída das salas deverá começar pela fila mais próxima da porta de saída.

O Festival garante a higienização de todos os espaços segundo as regras estabelecidas.

CÓDIGO QR DO PROGRAMA DO FESTIVAL DE ALMADA



38.º FESTIVAL de almada

Organização
Câmara Municipal de Almada
Companhia de Teatro de Almada

02-25 de Julho de 2021

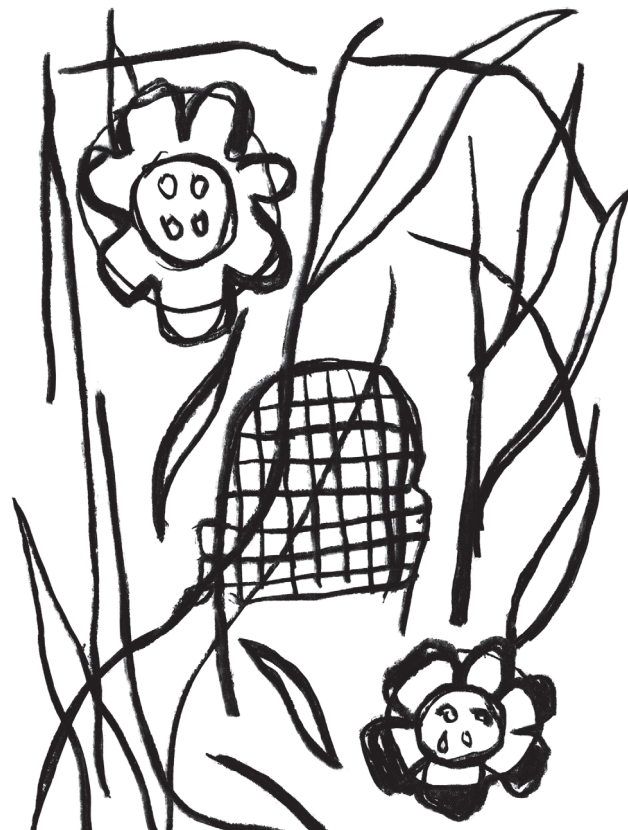


Imagem: Thomas Langley

Co-produção Close2paradise (Lisboa)
e São Luiz Teatro Municipal (Lisboa)

Cenas da vida conjugal

De Ingmar Bergman
Encenação de Rita Calçada Bastos

Fórum Municipal Romeu Correia (Almada)

Auditório Fernando Lopes-Graça

Qui. 8, Sex. 9 e Dom. 11 de Julho às 19h00

Sáb. 10 às 14h00 e 19h00

Duração: 2h10 (aprox.) • Classificação etária: M/16

Língua: Português

FICHA ARTÍSTICA E TÉCNICA

Encenação

Rita Calçada Bastos

Interpretação

Katrin Kaasa e Ivo Canelas

Desenho de Luz

Paulo Santos

Vídeo

João Canijo e Leonor Teles

Cenografia e Figurinos

Fernando Alvarez

Assistente Cenografia e Figurinos

Ricardo Reis

Música e Espaço Sonoro

Hugo Neves Reis

Tradução

Katrin Kaasa

Produção Executiva

Raul Ribeiro

Co-produção

Close2paradise e São Luiz Teatro Municipal

Parceiros

The Ingmar Bergman Foundation, Embaixada Da Suécia

e São Luiz Teatro Municipal/EGEAC

Agradecimentos

Teatro Experimental De Cascais, Companhia Olga Roriz, Kjersti, Ivo, Duarte Amaral Netto, Vicente, Alice, Victória, Eva, Filipa Leão, Maria Quintans, João Canijo, João Braz, Marta Albuquerque e Oitenta e Oito.

Cenas da Vida Conjugal já é um clássico. Lembra-se da primeira vez que teve contacto com este texto?

Espelhei-me na obra de Ingmar Bergman nos meus tempos de Conservatório, deveria ter 22 anos. Tive sorte. Primeiro, *O Persona, Os Morangos Silvestres, Lágrimas e Suspiros, A Fonte da Virgem, Mónica e o Desejo*, e só mais tarde *Cenas da Vida Conjugal, A Sonata de Outono, Fanny and Alexander, O Sétimo Selo* e os outros. Desde o meu primeiro contacto com esse material senti que me pertencia, que falava de mim, como entendo que pertence a qualquer ser humano, e sempre quis fazer um espetáculo a partir de uma das suas obras. A primeira oportunidade surgiu com a peça *Seres Humanos*, encenada pelo Martim Pedroso, a partir de alguns filmes de Bergman, entre eles uma cena de *Cenas da Vida Conjugal*. Mais tarde, voltei a este texto também na pesquisa que fiz para o espetáculo *A Meio da Noite*, uma homenagem que a Companhia Olga Roriz fez ao cineasta. Por isso, posso dizer que trago o Bergman na pele.

O que a levou a querer trazer este texto para o palco agora?

A Katrin Kaasa desafiou-me para encenar e este texto surgiu como a possibilidade mais acertada. Todo o meu trabalho enquanto encenadora surge da necessidade de reflexão sobre determinados temas. O tema das relações humanas, neste caso a relação entre um casal, não é exceção. Tenho-me perguntado qual é o segredo para o amor vencer sempre face a quotidianos chatos e rotineiros, que pessoa é que temos de ser para que a nossa relação com o outro não seja um emaranhado de conflitos e confusões, e este texto reflete sobre isso.

Agora que está a trabalhar o texto, a sua visão sobre ele mudou?

Sim, sem dúvida. O meu entendimento e a minha perspetiva foram mudando ao longo do tempo, mas isso faz parte do amadurecimento. Seria preocupante para mim pensar o mesmo que há 20 anos. No entanto, mantém-se esta minha necessidade de me apaziguar, de compreender o mundo, o outro. A experiência, o erro e a morte permitem-nos uma maior compaixão em relação ao outro e a nós próprios, e isso acaba por tornar tudo mais relativo.

O que quis sublinhar nesta encenação?

A questão primordial para mim neste trabalho é perceber em que medida é que numa relação é possível salvar o amor.

De que forma é que isso se expressa em cena?

Bergman tem uma mestria inigualável a escarafunchar e exacerbar os conflitos internos nas teias da mente. Apenas procurámos dar voz e perceber em que medida é que isso está intrincado no comportamento, nas subtilidades do quotidiano.

Tal como disse, espelhamo-nos nos textos de Bergman. O público também se vai espelhar neste quotidiano que encenam em palco?

Espero sinceramente que sim. Bergman é universal, a meu ver, é muito difícil isso não acontecer. Todos nós lida-mos com a Manipulação, a Humilhação, o Sarcasmo, a Fé ou a ausência dela, a Violência, a Mesquinhez, a Cobardia, a Exaustão psicológica, a Morte, o Amor, a Sobrevivência, a Rotina, a Frustração, a ideia de Inferno... Ingmar Bergman disse: "Todos temos os nossos demónios!" e eu acrescento: Eles andam à solta e, por vezes, não nos deixam dormir.



Excerto da entrevista realizada em Junho de 2021
por Gabriela Lourenço / Teatro São Luiz